



## Desigualdade de gênero no Ensino Superior: análise de narrativas de alunas de graduação em música

*Alice de Paula Ghisleni<sup>1</sup>*

*Lúcius Batista Mota<sup>2</sup>*

*Categoria: Comunicação*

**Resumo:** Este trabalho é um recorte de uma pesquisa desenvolvida em 2019, que teve como objetivo geral compreender quais as dificuldades, para além das musicais, causadas pela desigualdade de gênero no curso de Música do Ensino Superior, a partir de narrativas de cinco alunas de graduação em Música da UFSM. A pesquisa baseou-se em estudos sobre música e gênero, mulheres em cursos masculinizados e textos feministas. Como metodologia, foi utilizada a técnica de entrevista semiestrutura, a partir do método (auto)biográfico e a análise dos dados foi feita com base na Teoria Fundamentada. Enquanto resultado pode-se destacar que as entrevistadas: já sofreram algum tipo de preconceito; em algum momento de suas trajetórias já se sentiram deslocadas e/ou sozinhas; possuem dúvida sobre sua capacidade musical, pelo fato de ser mulher em um curso majoritariamente masculino; apenas uma entrevistada relatou ter tido um professor que a tratava diferente de seus colegas por ela ser mulher.

**Palavras-chave:** Música. Desigualdade de gênero. Feminismo.

### **Gender inequality in Higher Education: undergraduate music students narratives analysis.**

**Abstract:** This paper is an excerpt from a research developed in 2019, which had as general objective understanding what difficulties, in addition to musical ones, caused by gender inequality in a Higher Music Education. These difficulties are present in five undergraduate music students narratives of UFSM. This research is based on studies about music and gender, women in mostly male courses and feminist texts. The methodology is based in the semi-structured interview technique, from the (auto)biographical method and data analysis based on the Grounded Theory. As a result, it can be highlighted that the interviewees: have already suffered from some kind of prejudice; already felt displaced and/or alone at some point in their trajectories; have doubts about their musical ability, since they are women in a mostly male course; only one interviewee reported having a teacher who treated her differently from her peers, for being a woman.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Música Bacharelado-Oboé, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, aliceghis@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Música, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, lucius.mota@ufsm.br.



**Keywords:** Music. Gender Inequality. Feminism.

## **Introdução**

Ao perceber como os bacharelados, na Universidade Federal de Santa Maria, no domínio de alguns instrumentos musicais específicos, eram compostos apenas por graduandos homens, e como, em alguns outros casos, havia apenas uma estudante mulher no contexto, passamos a nos questionar: Em que medida as adversidades, decorrentes da desigualdade de gênero no curso de Música do Ensino Superior, estão presentes nas narrativas das alunas de graduação em Música? Quais as dificuldades, para além das musicais, que as mulheres encontram ao cursar Música (licenciatura/bacharelado) no Ensino Superior? Existe uma diferença de tratamento, entre alunos homens e mulheres, por parte dos professores de Música?

Ao partir desses questionamentos, a pesquisa teve como objetivo geral compreender quais as dificuldades, para além das musicais, proporcionadas pela desigualdade de gênero no curso de Música do Ensino Superior, que estão presentes em narrativas de alunas de graduação em Música. E como objetivos específicos: analisar as narrativas das alunas de graduação em Música sobre a sua formação musical, antes da academia e dentro dela; destacar quais são as adversidades, proporcionadas pela desigualdade de gênero no curso de Música do Ensino Superior, presentes nas narrativas das alunas dos cursos de bacharelado e licenciatura em Música da Universidade Federal de Santa Maria; e entender se existe diferença de tratamento, por parte dos professores de Música, entre alunos homens e alunas mulheres.

Para atender aos objetivos foi realizada uma revisão bibliográfica onde se referencia autoras feministas e artigos que tratam sobre o assunto “música e gênero”, e metodologicamente, a pesquisa de cunho qualitativo, apoiou-se no método (auto) biográfico, entrevista semiestruturada e a Teoria Fundamentada.

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa realizada no ano de 2019, onde apresentamos os desdobramentos para a realização da mesma e alguns dos resultados alcançados.

### **1. Igualdade de gênero em música**



A palavra gênero, na presente pesquisa, é utilizada consoante o prisma das Ciências Sociais, contexto no qual se entende que o conceito de gênero diferencia socialmente as pessoas, levando em consideração padrões socioculturais atribuídos a homens e mulheres:

Gênero é definido como uma relação socialmente construída entre homens e mulheres, servindo como categoria de análise para se investigar a construção social do feminino e do masculino (SANTOS; IZUMINO, 2005, p. 155-156).

Ou seja, o papel social de gênero é um conjunto de comportamentos associados com masculinidade e feminilidade.

A construção social de gênero acontece desde muito cedo em nossa sociedade, Chimamanda Adichie, por exemplo, em seu título **Para educar crianças feministas**, traz essa questão:

Olhei a seção de brinquedos, também organizada por gênero. Os brinquedos para meninos geralmente são “ativos”, pedindo algum tipo de “ação” – trens, carrinhos –, e os brinquedos para meninas geralmente são “passivos”, sendo a imensa maioria bonecas. Fiquei impressionada com isso. Eu não tinha percebido ainda como a sociedade começa tão cedo a inventar a ideia do que deve ser um menino e do que deve ser uma menina (ADICHIE, 2017, p. 24-25).

Os papéis de gênero variam de acordo com a cultura, haja vista que se constituem enquanto construções sociais, criadas a fim de definir comportamentos de gênero.

A desigualdade de gênero é um fenômeno social que, ainda contemporaneamente, está presente no cotidiano das mulheres, pois “alcançar a igualdade de gênero é um processo vagaroso e ao mesmo tempo desafiador” (MELO; LOPES, 2012, p. 650). Ainda assim, essa é uma questão crescente desde a década de 70, que a cada ano vem ganhando mais força.

A partir da década de 70, inicia-se a conscientização da necessidade de empoderamento das mulheres para aumentar tanto a igualdade social, econômica e política, quanto para ampliar o acesso a direitos humanos fundamentais, como saúde e educação. Nesse sentido, a primeira vertente para o empoderamento deve estar atrelada ao despertar da conscientização por parte das mulheres em relação à discriminação de gênero, ou seja, reconhecer a existência da desigualdade entre homens e



mulheres, inquietar-se com essa situação e desejar transformá-la (MELO; LOPES, 2012, p. 649).

Mesmo assim, as questões de gênero estão muito longe de serem resolvidas, pois ainda não há igualdade de gênero em todos os campos da sociedade e o contexto da música é apenas um deles.

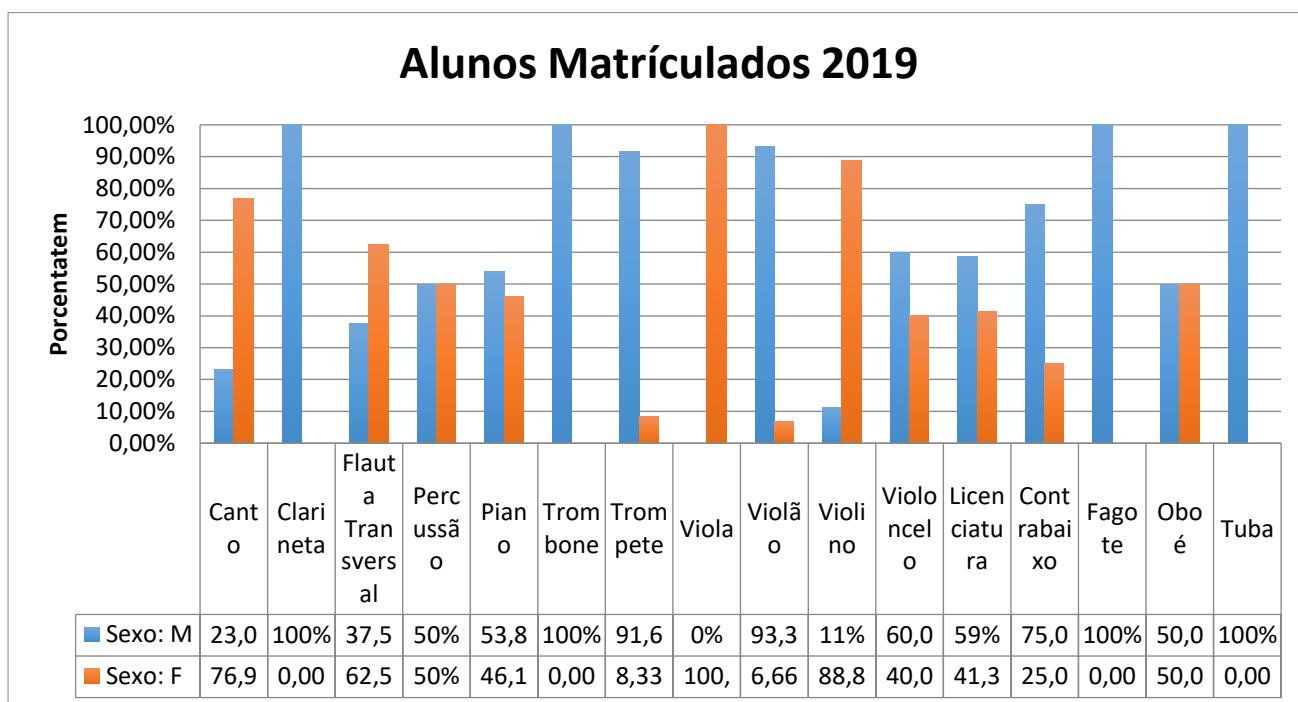
A igualdade de gênero em música deve estar presente nos espaços profissionais da área, pois a participação feminina nesses espaços ainda é pequena: “a participação feminina é tímida nas primeiras décadas do século XX. As mulheres em posição de destaque ainda são minoria no séc. XXI” Scalzo e Nucci (2012 apud COELHO; SILVA; MACHADO, 2014, p. 115). Isso se dá pelo fato de que a participação das mulheres nesses lugares é bastante recente:

De fato, fotos de corporações musicais da cidade e da região mostram que recentemente há um número relevante de mulheres nas corporações. Fotos mais antigas mostram bandas e orquestras compostas inteiramente por homens (COELHO; SILVA; MACHADO, 2014, p. 115).

A presença majoritária masculina no curso de graduação em Música é uma das adversidades presentes nas narrativas das alunas entrevistadas. Essa parece ser uma consequência resultante da desigualdade de gênero no macro campo da música.

## **2. Escolha das participantes e entrevista**

Ao perceber como os bacharelados da Universidade Federal de Santa Maria, em alguns instrumentos específicos, eram compostos apenas por graduandos homens e como em outros casos, havia apenas uma estudante mulher, fizemos um levantamento de dados do número de alunos matriculados em licenciatura em música e bacharelado em instrumento e canto, no segundo semestre de 2019, computando o número de homens e de mulheres matriculados em cada um desses cursos.



Gráf. 1. Número de alunos matriculados nos cursos de bacharelado e licenciatura em música da UFSM, 2º semestre de 2019<sup>3</sup>.

Por meio da construção do gráfico, foi possível perceber a presença majoritária do sexo masculino na maioria dos cursos de graduação em Música.

A seleção das alunas participantes foi feita com base nesses dados, pois procuramos entrar em contato com estudantes que estivessem em minoria nos seus cursos. Assim, as entrevistas foram realizadas com cinco alunas, cada uma de um curso diferente, sendo eles, bacharelado em contrabaixo, violão, trompete, canto e uma aluna da licenciatura.

A princípio nenhuma aluna que estivesse matriculada em um curso cuja presença feminina fosse majoritária seria entrevistada, mas após a realização das primeiras entrevistas, percebeu-se que seria interessante ouvir a narrativa de uma estudante que não fosse minoria em seu curso. Por isso, entramos em contato com uma aluna do bacharelado em canto, curso no qual a presença feminina computa 77% do total de alunos matriculados, com o intuito de entender se as adversidades são menores para alunas que possuem um número maior de colegas mulheres.

Além disso, ao perceber a existência de cursos nos quais não há estudantes mulheres matriculadas, como é o caso dos bacharelados em clarinete, trombone, tuba e

<sup>3</sup> Fonte: Dos autores.



fagote, entramos em contato com uma aluna matriculada em licenciatura, mas que estuda um desses instrumentos como performance musical.

Por fim, as alunas selecionadas foram convidadas a participar da pesquisa, respondendo perguntas que foram elaboradas com o intuito de entender quais as vantagens e desvantagens de tocar o instrumento e se sofreram algum tipo de preconceito de gênero durante as suas trajetórias musicais. As perguntas pré-definidas foram as seguintes: Você sente ou já sentiu algum tipo de preconceito baseado no seu gênero durante a sua trajetória musical? Já ouviu algum tipo de piada de gênero com relação ao seu instrumento? Já se sentiu deslocada/sozinha pelo fato de estar em minoria em seu curso/instrumento? Já duvidou de sua capacidade musical por ser mulher? Em algum momento já se sentiu mais pressionada a tocar melhor que os seus colegas apenas pelo fato de ser mulher? Já teve professores que exigiram mais de você ou duvidaram de sua capacidade musical, por causa do seu gênero?

Os nomes foram substituídos para manter em sigilo as identidades das colaboradoras.

Após as transcrições foi realizada a análise das narrativas, pois “a análise consiste em transformar esses dados em resultados de investigação” (TEIXEIRA, 2016, p. 71). As análises foram realizadas com base na Teoria Fundamentada (TF).

Barney G. Glaser e Anselm L. Strauss foram os precursores da TF, em 1967, com o lançamento do livro *The Discovery of grounded theory*, no qual defendiam que as teorias se desenvolvem a partir dos dados da pesquisa ao invés da pré-existência de hipóteses que são analisadas em dados (TEIXEIRA, 2016, p. 72).

A Teoria Fundamentada trabalha com duas fases de codificação, a codificação inicial e a codificação focalizada. Após as transcrições e uma primeira leitura das entrevistas, realizamos o processo de análise temática, “para identificar e registrar os temas presentes em cada entrevista” (Ibid. p. 72), depois desse momento “a codificação inicial pode ser feita “palavra por palavra”, “linha a linha” e “incidente por incidente”” (Ibid. p. 72), para a realização das análises das narrativas optamos pela codificação “linha a linha” e “incidente por incidente”.

Na segunda fase, de “codificação focalizada”, “são gerados códigos mais “direcionados, seletivos e conceituais”” CHARMAZ (2009 apud TEIXEIRA, 2016, p. 73). Por



meio dessa fase, geramos códigos mais focalizados que posteriormente serviriam como referência para a criação das categorias e subcategorias.

Ao terminar todo o processo de leitura e codificação, surgiram duas grandes categorias (“formação musical”; “mulher e música”) e sete subcategorias (“primeiro contato com a música”; “os caminhos para a escolha do instrumento”; “importância da Educação Musical para a escolha de carreira”; “preconceito implícito e explícito”; “deslocada e sozinha”; “dúvidas sobre capacidade musical”; e “exigências dos professores”). Para essa comunicação focalizamos nas análises e resultados da grande categoria “mulher e música” e suas respectivas subcategorias “preconceito implícito e explícito”; “deslocada e sozinha”; “dúvidas sobre capacidade musical”; e “exigências dos professores”.

### **3. Preconceito implícito e explícito**

Essa subcategoria aborda questões de preconceito explícito e implícito, na qual se procura entender, por meio das narrativas, se o preconceito através de piadas é presente. Além disso, procura compreender como acontece o preconceito implícito, que está ainda mais presente nas narrativas das participantes.

Todas as entrevistadas, quando questionadas sobre já terem sentido algum tipo de preconceito durante as suas trajetórias, colocam a presença de um preconceito velado.

“Era até meio difícil de lidar e não era só comigo, com as outras gurias também, e às vezes nem falavam nada, mas era aquela coisa mais velada, tu sente sabe” (Hanna).

E ainda que esse termo não figure em todas as entrevistas, ainda assim, a presença desse tipo de preconceito é narrada de diferentes formas por todas as alunas. Natalha explica nunca ter passado por preconceito, mas “receber aquele olhar diferente”:

Preconceito em si não, nunca passei por preconceito, mas na minha cidade aconteceu sempre de, não nas aulas que eu tinha, mas de quando ia tocar em algum lugar, sempre receber aquele olhar diferente pelo fato de ser uma mulher e não estar cantando, mas estar tocando algum instrumento, então esse olhar eu sentia, mas não necessariamente preconceito (Natalha).

Através dessas narrativas é possível perceber, conforme assinalado pelas autoras Pinto, Amorim e Carvalho (2016), o quanto que uma consciência crítica feminista pode



determinar a percepção desses preconceitos e discriminações. Pois, enquanto algumas alunas entendem essa diferença de tratamento como um preconceito, mesmo que velado, outras não o classificam como tal.

Com relação a sofrer um preconceito mais explícito, três das entrevistadas colocam que já ouviram algum tipo de piada de gênero, inclusive, relatam de piadas que ouviram durante o curso de Música, dentro da universidade.

Amelia Earhart, que é a primeira estudante mulher matriculada no curso de trompete da Universidade Federal de Santa Maria, relata em sua narrativa os vários tipos de piadas que já ouviu durante a sua trajetória musical.

“Instrumento de metal é muito pesado pra guria, não é um instrumento muito delicado pra uma mulher” ou coisa assim, essas piadinhas assim “é pros trompetistas, não é pra trompetista”, mas de vez em quando tem umas piadinhas que tem que dar uns cortes se não continua, mas assim, já ouvi falar “nossa você toca bem pra uma guria” (Amelia Earhart).

Através dessa narrativa, é possível perceber que o estereótipo de gênero está presente na construção de algumas dessas piadas, relacionando questões biológicas do corpo feminino com instrumentos específicos.

Características biológicas são apontadas, assim, imaginariamente, como determinantes de papéis específicos dentro das corporações: o corpo feminino, concebido implicitamente como mais frágil e leve, é percebido como empecilho ao aprendizado de instrumentos musicais grandes e pesados. Cabem a elas “instrumentos delicados, fáceis de serem carregados”, “cantos e cordas”, esses últimos conservando toda a polissemia de espaços discretos e contidos (COELHO; SILVA; MACHADO, 2014, p. 117).

Susanna também relata em sua narrativa uma piada que ouviu sobre mulheres solistas:

“Ah o que essa mulher tá fazendo de solista? Certo que puxou o saco do maestro”, isso eu escutei a pouco tempo, foi assim com tom de brincadeira, mas no fundo a gente sempre consegue ver uma verdade assim nessas brincadeiras que “aí tá fazendo um solo é porque puxou o saco do maestro”. Tem até umas piadas assim, bem de mau gosto no meio do canto, a pulguinha estava no vestido da soprano, na noite do ensaio geral, a pulguinha dormiu e na manhã seguinte ela acordou, percebeu que estava num lugar diferente, e percebeu que estava na barba do maestro, piadinha, tipo a solista teve um caso com o maestro pra poder ser solista,





essa piada eu escutei a pouco tempo atrás, antes dos ensaios da ópera (Susanna).

Por meio desses relatos é possível perceber que as piadas sexistas estão presentes em apenas algumas das narrativas, mas “mostram como nossa cultura é machista e não reconhece o sucesso intelectual das mulheres, sobretudo num campo de conhecimento masculino, atribuindo-o a favores sexuais” (PINTO; AMORIM; CARVALHO, 2016, p. 24).

E mesmo que nenhuma das entrevistadas tenha relatado se sentir desestimula com esse tipo de piada, “eventos assim produzem o desestímulo de muitas mulheres” (VELHO E LEON, 1998 apud PINTO; AMORIM; CARVALHO, 2016, p. 24).

#### **4. A solidão das mulheres na música**

A seguinte subcategoria concentra-se na sensação de se sentir deslocada e sozinha, pois:

[...] evidencia-se um tímido movimento de resistência: algumas musicistas, atualmente, saem de lugares preestabelecidos e alçam voos. Contudo, esse é um movimento isolado, individual, pois de fato não há um grupo de mulheres dentro das corporações. Elas se reúnem por um objetivo comum, que é participar de uma determinada corporação (COELHO; SILVA; MACHADO, 2014, p. 119-120).

Todas as participantes relatam já terem se sentido sozinhas ou deslocadas em algum momento de suas trajetórias.

Amelia Earhart e Natalha explicam a sensação de deslocamento que sentiram logo que entraram no curso: “No início sim, aqui no início do curso eu senti um pouquinho, porque como era só guri, começavam a falar, eu chegava, normalmente cortavam o assunto” (Amelia Earhart). “Sim, me senti deslocada, principalmente logo que eu cheguei, nos primeiros anos” (Natalha). E elas também frisam como acabaram se adaptando ao ambiente masculino, ou até mesmo conquistando o seu espaço.

Levou um tempo até eu me adaptar ao contexto, mas foi um processo. [...] Eu fui me acostumando, eu fui me adaptando a um ambiente bem masculino, digamos assim (Natalha).

Conforme foi o tempo, eu fui meio que mostrando o meu lugar, conquistando o meu lugar entre os guris e o tempo passou, eles me



respeitam melhor, a gente já tem uma relação mais de igual pra igual, o que é bom (Amelia Earhart).

O ambiente majoritariamente masculino acaba se tornando uma adversidade significativa encontrada e enfrentada por estudantes mulheres.

Por isso o apoio entre as mulheres dentro de cursos masculinizados é importante, pois “o apoio entre elas era um incentivo em um curso masculinizado, em que elas eram as estranhas” (PINTO; AMORIM; CARVALHO, 2016, p. 23). Além disso, esse movimento isolado e individual pode acabar desestimulando e se tornando “o motivo pelo qual muitas alunas desistem logo no começo do curso” (PRESTON, 1994 apud PINTO; AMORIM; CARVALHO, 2016, p. 19).

Susanna, que cursa bacharelado em canto, afirma não ter essa sensação de deslocamento no curso, por estar em uma turma com um número maior de mulheres do que de homens.

A facilidade ou dificuldade de inclusão nas relações sociais cotidianas tem a ver com a socialização de gênero desde a infância em mundos separados, que cria culturas gendradas distintas e padrões de homosociabilidade, com repercussões no desenvolvimento humano e participação social, inclusão ou exclusão, ao longo da vida (PINTO; AMORIM; CARVALHO, 2016, p. 22).

Através dessa ideia, do que meninos e meninas devem gostar, as pessoas constroem as suas personalidades. Dessa forma, meninos acabam tendo mais afinidade entre eles, e meninas entre elas. Por isso, em cursos nos quais a presença masculina é majoritária, é muito frequente mulheres se sentirem deslocadas e sozinhas. Ante isso, “a literatura feminista destaca a importância das redes de apoio femininas para o sucesso das mulheres” (PINTO; AMORIM; CARVALHO, 2016, p. 22).

## **5. Capacidade musical posta a prova**

A presente subcategoria busca entender como as dúvidas sobre suas capacidades musicais, pelo fato de serem mulheres, aparecem nas narrativas das participantes.

Susanna sublinha como a sua capacidade musical já foi questionada várias vezes, apenas pelo fato de ser mulher, “Já aconteceu várias vezes de duvidarem da minha capacidade musical, por eu ser mulher” (Susanna). Esse tipo de relato é presente em todas as narrativas. O que varia em algumas é que as dúvidas muitas vezes se dão internamente.



Quando eu entendi o que estava acontecendo, de que inconscientemente eu estava achando que eu tocava de uma forma inferior e eu consegui associar isso a questão de gênero, eu entendi o que estava acontecendo na minha cabeça e eu pude ajustar essa questão (Natalha).

Essa dúvida vem carregada de uma pressão que muitas vezes é externa, pressão essa acarretada pelo fato de ser minoria em um curso majoritariamente masculino.

A necessidade de provar que é suficientemente profissional também aparece em algumas narrativas. Hanna explica que além de provar para os outros é preciso provar para si mesma.

Acho que é uma coisa meio que diária assim, além da gente ter que provar para nós mesmas, porque é muito difícil tu pensar, eu já tentei pensar assim “ah, não tenho que provar nada pra ninguém” ou coisa assim, mas é uma coisa que é, não tem o que fazer (Hanna).

Essa necessidade de comprovar, para si e para os outros, a sua competência musical, é uma das muitas barreiras enfrentadas pelas mulheres no cotidiano em cursos onde a presença masculina é maior.

Dentre as barreiras enfrentadas pelas mulheres em cursos/profissões masculinas, está a necessidade de provarem continuamente a competência profissional para se afirmarem diante de si mesmas e diante do grande grupo de homens. Essa é uma prova de resistência difícil, que nem todas aguentam (LOMBARDI, 2008 apud PINTO; AMORIM; CARVALHO, 2016, p. 24).

Por conseguinte, as alunas acabam sofrendo mais pressão, pois para mostrar que são capazes, acabam exigindo mais de si mesmas, porque acreditam que para serem reconhecidas precisam se destacar mais do que os homens. “Para mostrar que são capazes e serem reconhecidas, as alunas precisam se destacar mais do que os homens, sofrendo, conseqüentemente, mais pressão para terem sucesso no curso” (PINTO; AMORIM; CARVALHO, 2016, p. 25).

Entretanto, conforme frisa Susanna, quando isso acontece, as pessoas acabam duvidando ainda mais: “tu tem que te mostrar nos lugares e quando tu te mostra num lugar de protagonismo as pessoas ficam espantadas ou duvidam ainda mais” (Susanna).



Amelia Earhart também relata uma situação que vivenciou, na qual ela estar em uma posição de destaque foi motivo de surpresa para as pessoas:

Que agora eu ganhei o prêmio de Trompete Solo, era só eu de guria também e eu competi com os guris, todo mundo estava crente de que ia ser um dos colegas que ia ganhar, mas aí eu ganhei, ficaram “ah, é, primeira guria a ganhar” (Amelia Earhart).

Situações similares a essa demonstram o quanto a capacidade musical das mulheres é posta em dúvida, em diferentes momentos e variadas vezes, mesmo quando ela está ocupando um lugar de protagonismo. “Por outro lado, quando têm sucesso, sua competência é posta em dúvida” (PINTO; AMORIM; CARVALHO, 2016, p. 25).

Esse tipo de comportamento é associado aos estereótipos de gênero que são profundamente incutidos na sociedade.

Os estereótipos de gênero são tão profundamente incutidos em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade. É muito difícil desaprendê-los (ADICHIE, 2017, p. 28).

Amelia Earhart coloca o quanto é importante que as pessoas vejam as mulheres em um patamar de igualdade.

Primeiro concurso, primeira guria, isso é pra marcar, pra colocar as gurias num patamar que a gente é igual, a gente toca tão bem quanto, tão ruim quanto, então assim, não tem porque fazer diferença (Amelia Earhart).

Pinto, Amorim e Carvalho também ressaltam que a maneira como as mulheres agem não influencia a capacidade das mesmas fazerem ciência, e afirmam que devem agir da forma que julguem oportuna.

As mulheres podem ser do jeito que quiserem, bem/mal vestidas, bem/mal cuidadas, organizadas/desorganizadas, delicadas/agressivas, já que essas características não correspondem a sua capacidade de fazer ciência (PINTO; AMORIM; CARVALHO, 2016, p. 22).

Podemos transferir esse pensamento para a carreira musical, pois o fato de ser mulher não influencia na sua capacidade de fazer música.



## 6. Exigência dos professores

De todas as entrevistadas, apenas Estefânia relata ter tido um professor que a tratava diferente de seus colegas.

Sim, eu tive um professor, o meu primeiro professor de clarinete, e ainda estava naquela fase de que não era bem aquele instrumento que eu queria tocar, mas eu estava tocando. A minha mãe começou a pagar o curso de extensão pra eu poder fazer, ter um professor específico para aquele instrumento, quando eu comecei a ter aula com esse professor, eu percebi que ele tinha um preconceito em relação a eu ser mulher, até porque eu sei como ele agia com os outros que tinham aula com ele, que eram meus colegas de clarinete também, que eram guris, ele sempre elogiava os guris, “ah tu tá indo muito bem, tá melhor” e chegava em mim, “tá, tu não estudou, tu não tá tocando bem, tu não tá conseguindo fazer isso aqui direito”, eu saía assim da aula, magoada (Estefânia).

Através desse trecho, podemos compreender o quanto um professor pode influenciar, de forma positiva ou negativa, as escolhas das estudantes, pois quando perguntamos à Estefânia se esse tratamento a fez duvidar se queria continuar estudando o instrumento, ela afirmou que sim. Contudo, ao ter aulas com outro professor percebeu que nem todos agiam da mesma forma.

Amelia Earhart, em sua narrativa, sublinha a questão do respeito e afirma que todos os seus professores foram muito cuidadosos em relação a isso.

Todos me trataram muito bem, com bastante respeito, até porque ficar fechada numa sala com professor homem, eles tem que ser muito respeitoso porque qualquer coisa hoje em dia pode ser considerado um abuso, ou qualquer coisa assim, então todos eles foram muito respeitosos (Amelia Earhart).

Esse respeito é imperativo, pois de acordo com Pinto, Amorim e Carvalho, percebe-se que no campo das exatas “os professores davam tratamento desigual a alunos e alunas nas relações pessoais, no caso delas com conotação de assédio sexual” (PINTO; AMORIM; CARVALHO, 2016, p. 23).

Hanna foi a única aluna entrevistada que relatou ter uma professora mulher de instrumento, e coloca que essa referência feminina deveria ser mais presente, pois acaba fazendo falta.



Esse tipo de referência se mostrou efetiva na pesquisa realizada por Hallam, Rogers e Creech:

Mudar o exemplo de gênero tocando o instrumento também se mostrou efetivo com crianças entre cinco e sete anos de idade. Quando uma menina está tocando um instrumento considerado “masculino”, mais meninas optam por tocá-lo (BRUCE & KEMP, 1993 apud HALLAM; ROGERS; CREECH, 2008, p. 9, *tradução nossa*).

Portanto, ter uma referência feminina é importante para que estudantes mulheres se sintam mais representadas dentro dos cursos, até porque, conforme relatado por Hanna, ter uma professora mulher torna “possível vencer todos os obstáculos” (Hanna).

### **Considerações finais**

A presente pesquisa procurou compreender quais são as dificuldades, para além das musicais, causadas pela desigualdade de gênero no curso de Música do Ensino Superior, conforme narrativas de alunas de graduação em música. As análises foram feitas a partir dos princípios da Teoria Fundamentada. Dessa forma, as categorias de análise foram construídas por meio das próprias entrevistas, o que resultou em reflexões aprofundadas das narrativas, auxiliadas a partir de estudos sobre música e gênero, mulheres em cursos masculinizados e textos feministas.

Por meio da categorização e análise das entrevistas, chegou-se a alguns resultados a respeito das adversidades encontradas por essas estudantes em suas trajetórias musicais.

Conclui-se que existem diferentes adversidades que são encontradas e enfrentadas por estudantes mulheres em um curso de graduação em Música. Desse modo, resulta que as entrevistadas: já sofreram com algum tipo de preconceito, variando entre implícito e/ou explícito; em algum momento de suas trajetórias já se sentiram deslocadas e/ou sozinhas; possuem dúvida constante sobre sua capacidade musical, pelo fato de ser mulher em um curso majoritariamente masculino; apenas uma entrevistada relatou ter tido um professor que a tratava diferente de seus colegas, por ela ser mulher.

A presente pesquisa procura contribuir para as discussões sobre música e gênero, tema emergente no macro campo da Música. Espera-se que por meio dessas conclusões



as discussões sobre o assunto possam ser ampliadas, beneficiando musicistas, estudantes de Música e pesquisadores das áreas de Música e Gênero, Desigualdade de Gênero e Feminismo.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Trad. Denise Bottmann. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

COELHO, Mayara Pacheco; SILVA, Marcos Vieira; MACHADO, Marília Novais da Mata. “Sempre tivemos mulheres nos cantos e nas cordas”: uma pesquisa sobre o lugar feminino nas corporações musicais. **Fractal – Revista de Psicologia**. São João Del-Rei, v. 26, n. 1, p. 107-122, Jan./Abr. 2014.

HALLAM, Susan; ROGERS, Lynne; CREECH, Andrea. Gender differences in musical instrument choice. **International Journal of Music Education**. n. 26, p. 7- 16, 2008.

MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; LOPES, Ana Lúcia Magri. Empoderamento de mulheres gerentes: a construção de um modelo teórico de análise. **Revista Gestão e Planejamento**. Salvador, v. 12, n. 3, p. 648-667, set/dez. 2012.

PINTO, Érica Jaqueline Soares; AMORIM, Valquíria Gila de Amorim; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de Carvalho. Entre discriminação explícita e velada: experiências de alunas de física na educação superior. **Revista Diversidade e Educação**. v.4, n.8, p. 13-32, jul./dez. 2016.

SANTOS, Cecília Macdowell; IZUMINO, Wânia Pasinato. Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil. **E.I.A.L. Estudos Interdisciplinarios de América Latina y El Caribe**. v. 16, n. 1, p. 147- 164, 2005.

TEIXEIRA, Ziliane Lima de Oliveira. **Narrativas de professores de flauta transversal e piano no ensino superior: a corporeidade presente (ou não) na aula de instrumento**. Santa Maria, 2016. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Santa Maria, 2016.